

Contos da infância e da adolescência

Contos da infância e da adolescência

Luiz Vilela

ea

editora ática



Esta edição possui os mesmos textos ficcionais das edições anteriores.

Contos da infância e da adolescência

© Luiz Vilela, 1996

Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica Mário Ghio Júnior

Diretoria editorial Lidiane Vivaldini Olo

Gerência editorial Paulo Nascimento Verano

Edição Camila Saraiva

ARTE

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.) e Thatiana Kalaes (assist.)

Projeto gráfico Thatiana Kalaes

Capa Thatiana Kalaes

REVISÃO

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.), Brenda Morais e Gabriela

Lubascher Miragaia (estag.)

ICONOGRAFIA

Sílvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

Crédito das imagens Acervo pessoal (quarta capa e p. 68); istockphoto.com (capa)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V755C

Vilela, Luiz, 1942-

Contos da infância e da adolescência / Luiz Vilela. - [4. ed.]. -

São Paulo : Ática, 2015.

72 p. : il.

Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-08-17571-0

1. Conto brasileiro. I. Título.

15-25531

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Código da obra CL 739036

CAE 552821

2015

4ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A., 1996

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 / atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Entre a descoberta da perda e a persistência da alegria

A vida é um tesouro! Isso é o que enxergamos na beleza dos dramas e na intensidade dos personagens de *Contos da infância e da adolescência*, de Luiz Vilela. Mas as joias têm, cada uma, um brilho diferente, ou melhor: cada qual enriquece nossa vida de um jeito especial. Como acontece com estes mistérios com os quais um dia esbarramos pelo caminho: o de descobrir o mundo, o de crescer, o de amadurecer...

Na representação de Vilela, a infância não é um mundo só de alegrias, a adolescência tem as suas angústias, e a transição de uma fase para a outra é por vezes problemática, até por causa do medo que dá quando percebemos — mesmo vagamente — que estamos deixando de ser crianças.

Crescer, virar adolescente, entrar para o mundo adulto inclui ganhos, mas também perdas. Algo se deixa para trás, talvez a confiança ilimitada no mundo, talvez o sentimento de proteção — ou então a plenitude, a autossatisfação.

No conto “Corisco”, um menino criado para ter uma profunda reverência pelo pai de repente descobre nele sentimentos que estavam escondidos, apesar da imagem de pessoa dura, rude, que ele tenta passar. Só que essa descoberta tem um preço: uma perda, que entristece a ambos. Já no conto “Em dezembro”, uma manga verde resume todo o jogo amoroso entre um menino e uma garota. Entretanto, a descoberta do amor ocorre junto com a perda da pessoa amada.

Por outro lado, se os contos de Luiz Vilela não permitem idealizar a infância nem o crescimento, também não deixam que a dureza da vida faça uma criança deixar de ser criança.

No conto “Sofia”, o contato com a dona do mercadinho sensibiliza os pequenos, provocando remorsos e promessas de bom comportamento dali para a frente; no entanto, essas promessas logo serão quebradas. Surge assim, como contrapartida às perturbações do crescer, a recompensa concedida pela vida: a persistência da traquinagem. Eis toda a beleza desse conto: crescer é irreversível, mas não aniquila a criança dentro de nós.

De certa maneira, é entre esses dois polos — a descoberta da perda e a persistência da alegria — que Luiz Vilela constrói os contos deste livro. É em virtude dessa tensão que seus personagens ganham vida — e suas histórias, seus dramas miúdos, dimensão humana e universal.

Aqui, encontramos toda essa riqueza concentrada em pequenas peças, construídas com a economia de recursos própria desse exigente gênero literário, o conto. Vilela domina como poucos a arte de fechar o foco. Suas pequenas cidades, seus enredos passados em ambientações em que o tempo parece se deter como mais um observador, suas histórias aparentemente tão simples só fazem tornar mais poderosos cada um desses contos. Já entramos neles com um sentido de solidariedade em relação ao pequeno e ao mais fraco. Já abrimos nossos sentimentos, logo às primeiras linhas. As histórias de Luiz Vilela se fixam em nós como se fossem nossas próprias lembranças: *Contos da infância e da adolescência* faz da leitura uma experiência de vida.

Os editores

Sumário

Corisco	9
Sofia	13
As formigas	17
Lava-pés	19
Meus oito anos.....	24
Circo.....	30
Menino	35
Dez anos	40
Em dezembro	44
Anéis de fumaça.....	47
Confissão	52
Aprendizado	57
Pardais e morcegos.....	62

Luiz Vilela com todas as letras

De Minas para o mundo	68
Com a palavra, o autor	69
Em busca do íntimo humano.....	69

Corisco

Se não fosse Mamãe, eu nunca teria Corisco, pois Papai não gostava de cachorro de espécie alguma, porque, dizia ele, cachorro é bicho velhaco, só serve pra dar amolação e pra comer a comida da gente, e enquanto ele fosse dono da fazenda, ali nunca haveria de entrar cachorro, e se entrasse um, ele pegava a espingarda e sapecava fogo sem um tiquinho de dó. Por isso, quando ele veio descendo o pasto de tardinha, eu fiquei com medo, Mamãe escondeu Corisco, que era pequeno, no cesto de roupa suja, e disse pra mim você não fala nada, deixa que eu falo, e eu fui esconder detrás da porta da despensa.

Papai entrou batendo os pés como sempre fazia, pra sacudir a poeira das botas, pendurou o chapéu na parede, depois deu um tapinha nas costas de Mamãe, falando com voz grossa ê filha, o serviço hoje esteve puxado, e batia a mão na barriga, espiando as panelas de comida enquanto contava casos de bois acontecidos lá no retiro, e então parece que ele reparou no silêncio de Mamãe e falou um pouco mais alto, mas daquele jeito que não era bravo, quê que houve, filha, você não fala nada, engoliu a língua? Aí Mamãe soprou o fogão, pingou caldinho de sopa na

mão, provando o tempero, e sem olhar pra trás, pra Papai, disse que meu aniversário estava perto e pensava em me dar um presente, quê que ele achava da ideia, e Papai, sacudindo a cabeça disse que também pensara nisso, mas não tinha ideia do presente, isso era melhor ela escolher, mulher é que entende dessas coisas. Então Mamãe disse que já tinha escolhido, era uma coisa que eu sempre desejara e ia ficar contentíssimo de ganhar, vamos ver se você adivinha quê que é, mas quando ela falou assim, Corisco deu uma choradinha no cesto, ela baixou a cabeça, Papai fechou a cara e, sem dizer nada, saiu pro terreiro. Eu saí detrás da porta, de onde vira tudo, e Mamãe, me passando a mão na cabeça, disse seu pai é duro, e engoliu fazendo barulho, e virou pra soprar o fogão outra vez.

No outro dia ela me disse que tinha dado um jeito e que Corisco não ia embora, mas eu não falasse nada com Papai, e eu não falei, e três dias depois, no meu aniversário, ele me deu um abraço apertado e um canivete de cabo de osso, dizendo toma um presentinho de seu pai, e não falou nada sobre Corisco.

Corisco não foi mesmo embora, e com sete meses já estava grande e bonito, o pelo pretinho de alumiar e as patas brancas, e, era engraçado, parecia que ele tinha medo de sair pra longe, porque ficava o tempo todo em frente ao alpendre, espichado com a cabeça entre as patas e as orelhonas arrastando no chão, dormindo ou espiando com preguiça os currais, não levantando pra nada, nem mesmo quando Papai voltava de tardinha do serviço e, em vez de tocar ele dali, passava por cima, nem olhando, como se Corisco não existisse, pois era assim, parecia que Corisco não existia pra ele, nunca falava nele, nem mesmo quando Corisco pegou aquela mania de acompanhar ele ao retiro.

Toda tarde, quando os pássaros-pretos começavam a cantar no arrozal e ia escurecendo do lado da serra, eu